

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quando o Presidente Rasgou o Véu: Portugal, a Europa e a Falha Portuguesa

Publicado em 2026-05-16 09:22:36



BOX DE FACTOS

- A conferência “40 anos de Portugal na UE: Sucessos e Desafios” realizou-se a 12 de Maio de 2026, na Universidade Católica Portuguesa do Porto.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Comissário das Comemorações do 40.º Aniversário,
Carlos Coelho.

- O encerramento da conferência coube ao Presidente da República, António José Seguro.
- Segundo o Polígrafo, António José Seguro afirmou que há países que aderiram à União Europeia depois de Portugal, com indicadores inicialmente inferiores, que hoje superam Portugal em áreas decisivas.
- O Polígrafo classificou essa afirmação como verdadeira, com base em dados do Eurostat relativos ao PIB per capita em paridades de poder de compra e à produtividade laboral.
- Em 2025, segundo os dados citados, o PIB per capita português situava-se em 81,3% da média europeia, tendo Portugal caído para a 19.^a posição entre os 27 Estados-membros.
- Países como Polónia, Malta, Chéquia, Eslovénia e Lituânia surgiam, em 2025, à frente de Portugal neste indicador.
- Na produtividade laboral, Portugal passou de 78,6% da média da União Europeia em 2014 para



Quando o Presidente Rasgou o Véu

Portugal, a Europa e a Falha Portuguesa

Durante décadas, Portugal celebrou a Europa como quem celebra uma redenção. Vieram fundos, estradas, universidades, infra-estruturas, modernização e esperança. Mas, quarenta anos depois, o Presidente da República disse em voz alta aquilo que o país oficial raramente gosta de ouvir: alguns dos que chegaram depois já passaram à frente. E isso não é azar. É sintoma.

Há momentos em que uma frase institucional rompe o verniz da cerimónia e deixa ver, por baixo, a madeira antiga do país. Foi isso que aconteceu quando o Presidente da República, António José Seguro, no encerramento da conferência comemorativa dos 40 anos da adesão de Portugal às Comunidades Europeias, afirmou que há países que aderiram à União Europeia depois de nós, partindo de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

são explosivas. Porque o país habituou-se a viver dentro de uma narrativa quase litúrgica: entrámos na Europa, modernizámo-nos, recebemos fundos, construímos auto-estradas, escolas, hospitais, universidades, sistemas digitais, pontes, centros culturais, rotundas com escultura abstracta e discursos com palavras muito arrumadas.

Tudo isso é verdade. Mas não é a verdade inteira.

A verdade inteira é mais desconfortável: Portugal entrou na Europa em 1986, mas uma parte importante do país continua ainda à porta do futuro, de chapéu na mão, à espera que a História tenha paciência.

A Europa como promessa e como espelho

A adesão às Comunidades Europeias foi, sem dúvida, um dos grandes acontecimentos da democracia portuguesa. Depois de décadas de ditadura, isolamento, guerra colonial, pobreza estrutural e atraso educativo, Portugal entrou num espaço de democracia consolidada, mercado interno, fundos de coesão, liberdade de circulação, normas comuns e ambição modernizadora.

Seria injusto negar o impacto desse processo. Portugal mudou imenso. Mudou nas infra-estruturas, na educação, na

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

E é no espelho que dói.

Porque quando olhamos apenas para Portugal antes e depois da adesão, podemos contar uma história de progresso. Mas quando olhamos para Portugal ao lado de outros países que entraram depois, alguns muito mais pobres e institucionalmente mais frágeis à partida, a história deixa de ser confortável.

A pergunta muda. Já não é apenas: “Quanto melhorámos?” A pergunta passa a ser: “Porque melhorámos menos do que outros que partiram de trás?”

A frase que furou o balão nacional

Segundo o Polígrafo, António José Seguro afirmou que há países que aderiram à União Europeia depois de Portugal, com indicadores inicialmente inferiores, que apresentam hoje resultados superiores em áreas decisivas. O próprio Polígrafo classificou a afirmação como verdadeira, cruzando dados do Eurostat sobre PIB per capita em paridades de poder de compra e produtividade laboral.

Em 1995, Portugal encontrava-se à frente de vários países que ainda não pertenciam à União Europeia. Em 2025,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Lituânia.

Isto é mais do que uma estatística. É uma autópsia parcial ao mito da convergência automática.

Durante anos, demasiada gente em Portugal acreditou que a Europa, por si só, nos puxaria para cima. Como se bastasse pertencer ao clube para jogar bem. Como se os fundos substituíssem estratégia. Como se as infra-estruturas substituíssem produtividade. Como se a pertença europeia dispensasse exigência interna, boa governação, justiça célere, cultura científica, indústria avançada, salários dignos e mérito.

A Europa deu-nos oportunidades. Mas não podia dar-nos coluna vertebral.

O país que confundiu fundos com futuro

Portugal recebeu fundos europeus como chuva depois da seca. E muita coisa boa nasceu dessa chuva. Mas parte dela escorreu por terrenos mal preparados. Houve investimento útil, sim. Mas houve também dispersão, desperdício, clientelismo, projectos sem escala, formação de catálogo, consultorias de ocasião, obras sem visão e uma tendência

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Converge por gastar bem. Converge quando transforma capital financeiro em capital produtivo, capital humano, tecnologia, inovação, indústria exportadora, empresas robustas e instituições funcionais.

Portugal fez parte do caminho. Mas falhou demasiadas vezes na parte mais difícil: transformar apoio externo em autonomia interna.

É por isso que a frase de Seguro incomoda. Porque retira a desculpa confortável. Se outros países chegaram depois, partiram de mais baixo e nos ultrapassaram em indicadores relevantes, então o problema não está apenas na História, nem apenas na geografia, nem apenas nos ciclos internacionais.

O problema está também em nós.

Produtividade: a palavra que Portugal pronuncia como oração e pratica como mistério

A produtividade é talvez a palavra mais repetida e menos compreendida do debate económico português. Toda a gente a invoca. Governos, patrões, economistas, comentadores, organismos internacionais. Mas, quando chega a hora de a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

laboral portuguesa subiu de 78,6% da média da União Europeia em 2014 para 79,4% em 2025. O problema é que, apesar dessa ligeira subida, Portugal caiu da 18.^a para a 22.^a posição, sendo ultrapassado pela Croácia, Lituânia, Polónia e Roménia.

Isto mostra uma verdade brutal: não basta andar; é preciso andar mais depressa do que os outros. Numa corrida histórica, melhorar devagar pode ser outra forma de ficar para trás.

A produtividade não nasce de discursos. Nasce de tecnologia, gestão competente, organização do trabalho, capitalização das empresas, justiça rápida, educação exigente, investigação aplicada, escala empresarial, digitalização real, simplificação administrativa e uma cultura que deixe de castigar quem sabe fazer.

Portugal continua demasiadas vezes preso a empresas pequenas, subcapitalizadas, mal geridas, dependentes de baixos salários, incapazes de escalar, avessas à inovação profunda e cercadas por burocracias que tratam o empreendedor como suspeito e o funcionário medíocre como relíquia protegida.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

políticas corajosas, qualidade, competitividade, conhecimento, tecnologia, estabilidade política e visão de longo prazo, tocou no nervo central da falha portuguesa.

Portugal tem talento. Tem investigadores, engenheiros, médicos, programadores, técnicos, professores, artistas, operários qualificados, empresários sérios e jovens capazes de competir em qualquer parte do mundo. A prova disso está na diáspora: portugueses que fora do país produzem, lideram, inovam, investigam e prosperam.

O problema não é a matéria humana. É o ecossistema.

Cá dentro, o talento esbarra muitas vezes numa parede invisível feita de hierarquias medíocres, compadrios, medo da excelência, burocracia, salários baixos, justiça lenta, mercados pequenos, capitais tímidos e uma cultura empresarial que por vezes prefere o obediente ao brilhante, o manejável ao exigente, o silencioso ao criador.

Portugal não perde apenas jovens para o estrangeiro. Perde possibilidades. Cada jovem qualificado que parte é uma empresa que talvez não nasça, uma patente que talvez não surja, um laboratório que talvez não cresça, uma escola que talvez não melhore, uma comunidade que perde músculo futuro.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

No mesmo contexto comemorativo, Luís Montenegro apresentou Portugal como parte empenhada de uma União Europeia mais forte, competitiva, coesa e influente. A formulação é politicamente correcta e institucionalmente irrepreensível. Mas a questão essencial não está na retórica europeia. Está no músculo nacional.

Portugal não pode continuar eternamente a celebrar a Europa como quem celebra uma herança, sem perguntar o que fez com ela.

Não basta dizer que queremos ser uma voz activa na União Europeia. Para ter voz é preciso ter peso. E o peso de um país não se constrói apenas com diplomacia simpática, boa localização atlântica e discursos sobre pontes para África e para o Brasil.

Constrói-se com economia robusta, universidades ligadas a empresas, centros tecnológicos, indústria avançada, energia competitiva, administração eficaz, justiça funcional, capital nacional, empresas exportadoras, ciência aplicada e salários que permitam viver com dignidade.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A coragem rara de reconhecer a falha

O mais relevante na intervenção presidencial não foi apenas o conteúdo. Foi o gesto. Num país habituado ao cerimonial das narrativas felizes, ouvir o Chefe de Estado admitir que outros, chegados depois, já nos ultrapassaram, tem um valor simbólico forte.

Portugal sofre de uma doença antiga: a incapacidade de transformar diagnóstico em consequência. Fazemos relatórios, comissões, planos estratégicos, pactos, agendas, roteiros e conferências. O país é fertilíssimo em títulos. Mas depois a máquina regressa ao mesmo ritmo, às mesmas redes, aos mesmos bloqueios, aos mesmos equilíbrios de baixa exigência.

A frase de Seguro só terá valor histórico se for mais do que uma frase. Se for início de exigência. Se for início de confronto com o modo português de falhar sem parecer que se falha.

Porque o verdadeiro drama nacional não é estarmos atrasados. O drama é termos aprendido a justificar o atraso com uma elegância quase literária.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Falhou a justiça económica do mérito. Falhou a escola como elevador exigente. Falhou a capacidade de reter talento. Falhou a administração pública como serviço ao cidadão. Falhou a coragem de simplificar. Falhou a cultura de avaliação. Falhou o combate sério à corrupção e ao clientelismo. Falhou a visão de longo prazo.

E falhou, talvez acima de tudo, a coragem de dizer aos portugueses que a Europa não é uma ama-seca. A União Europeia pode ajudar, financiar, enquadrar, pressionar e abrir portas. Mas não pode substituir a responsabilidade nacional.

Países que entraram depois fizeram reformas duras, apostaram em tecnologia, captaram investimento, melhoraram administrações, ligaram educação a economia, criaram ecossistemas empresariais mais agressivos e aceitaram, em muitos casos, a disciplina de ter de correr para não desaparecer.

Portugal, demasiadas vezes, caminhou com o conforto melancólico de quem acredita que o sol, o mar e a História acabarão por resolver o essencial.

Não resolverão.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

diáspora, língua, ligação a África, ao Brasil, à América Latina, aos oceanos, à energia, aos dados submarinos, à logística, à investigação marítima, à economia azul.

A pior periferia é mental.

É a periferia de quem pensa pequeno. De quem celebra pouco como se fosse muito. De quem transforma cada melhoria estatística num triunfo civilizacional. De quem aceita baixos salários como fatalidade. De quem vê a emigração qualificada como “mobilidade”. De quem chama estabilidade à ausência de coragem. De quem chama realismo à resignação.

Portugal não precisa apenas de convergir com a Europa. Precisa de convergir consigo próprio: com o melhor que já produziu, com o talento que exporta, com a inteligência que desperdiça, com a liberdade que proclama e com o futuro que adia.

Epílogo: Portugal entrou na Europa; falta a Europa entrar em Portugal

A frase do Presidente da República deveria ficar a ecoar para além da cerimónia. Não como acusação estéril. Não como autoflagelação nacional. Mas como princípio de lucidez.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Está atrasado na capacidade de transformar conhecimento em riqueza.

A Europa foi uma oportunidade extraordinária. Mas uma oportunidade não é um destino garantido. É uma porta aberta. E uma porta aberta não serve de muito se o país fica parado no corredor, a discutir quem segura a chave.

Quarenta anos depois da adesão, talvez a pergunta já não seja se Portugal entrou na Europa.

Entrou.

A pergunta é outra, mais dura e mais necessária:

Quando é que a Europa da exigência, da produtividade, da ciência, da responsabilidade, da justiça, da inovação e da dignidade entrará finalmente em Portugal?

Porque Portugal entrou na Europa em 1986.

Mas parte do país continua à porta do futuro.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

de Portugal a União Europeia:

<https://www.planapp.gov.pt/conferencia-assinalada-40-anos-adesao-portugal-ue/>

Polígrafo — António José Seguro: “Há países que aderiram à UE depois de nós e que já nos superam em áreas decisivas”:

<https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/antonio-jose-seguro-ha-paises-que-aderiram-a-ue-depois-de-nos-e-que-ja-nos-superam-em-areas-decisivas/>

ECO / Lusa — Seguro quer Portugal com “uma voz mais activa” na União Europeia:

<https://eco.sapo.pt/2026/05/12/seguro-quer-portugal-com-uma-voz-mais-ativa-na-uniao-europeia/>

ECO / Lusa — Montenegro enaltece empenho de Portugal na construção de uma UE mais influente:

<https://eco.sapo.pt/2026/05/09/montenegro-enaltece-empenho-de-portugal-na-construcao-de-uma-ue-mais-influente/>

Eurostat — Purchasing power parities and GDP per capita — preliminary estimate, 2025:

<https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

TEC00114:

<https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/product/page/TEC00114>

Instituto +Liberdade — Evolução do PIB per capita português entre os países da UE desde 2000:

<https://maisliberdade.pt/maisfactos/evolucao-do-pib-per-capita-portugues-entre-os-paises-da-ue-desde-2000/>

OCDE — Portugal: Foundations for Growth and Competitiveness 2026:

https://www.oecd.org/en/publications/foundations-for-growth-and-competitiveness-2026_40a7532f-en/full-report/portugal_5d08a1ee.html

OCDE — Portugal Economic Survey 2026: eficiência da despesa pública, competências e habitação:

<https://www.oecd.org/en/about/news/press-releases/2026/01/improving-public-spending-efficiency-skills-and-housing-policies-would-boost-portugal-s-economy-and-living-standards.html>

Banco de Portugal — Projecções económicas para Portugal, Março de 2026:

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Crónica de Francisco Gonçalves

Fragmentos do Caos — pensamento livre, crítica cívica e inquietação luminosa.

Com a colaboração editorial com **Augustus Veritas**.

A pergunta que devia assombrar a República

Há nesta saga algo ainda mais grave do que saber se José Sócrates, ou outros protagonistas deste longo naufrágio institucional, são culpados ou inocentes dos crimes de que foram acusados. Essa decisão pertence aos tribunais e deve respeitar o Estado de Direito.

*Mas há uma pergunta anterior, mais simples, mais brutal e mais democrática: **onde está o dinheiro?***

O povo português não precisa de ver antigos governantes, banqueiros, gestores ou intermediários transformados em troféus judiciais. Não precisa de prisões exibidas como espectáculo. Não precisa de vingança embrulhada em toga. Precisa, isso sim, de saber para onde foram os dinheiros públicos, quem

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Porque a verdadeira justiça, nestes casos, não é apenas punitiva. É reparadora. O essencial não é encher prisões; é esvaziar os cofres clandestinos da corrupção, recuperar os bens, confiscar as vantagens ilícitas, desfazer os circuitos de branqueamento e devolver à comunidade aquilo que lhe foi retirado.

Se milhares de milhões desapareceram do radar da vida pública portuguesa — entre resgates, negócios ruinosos, decisões opacas, favorecimentos, falências bancárias, parcerias obscuras e circuitos de influência — então o mínimo que um Estado decente deve aos cidadãos é seguir o rasto do dinheiro até ao fim.

Não queremos apenas culpados de papel. Queremos restituição. Queremos verdade patrimonial. Queremos que o dinheiro público, quando desviado, capturado ou dissipado por redes de poder, regresse ao seu legítimo dono: o povo português.

É simples. Tão simples que talvez por isso seja tão insuportável para o sistema político envolvido neste lodo todo.

Francisco Gonçalves



Blogue Fragmentos do Caos

A verdade nasce onde o pensamento é livre.



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)